

CÂMARA ESCURA

Fotografia intuitiva,
Colagem digital &
Poesia experimental.

Ato I
2026



D'ÁGUA

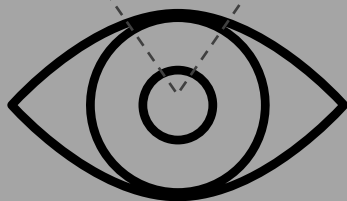
Arte do



CÂMARA ESCURA

Fotografia intuitiva,
Colagem digital &
Poesia experimental.





D'ÁQUA

En memória de Kelma Kelly Lopes dos Santos, gran amiga y mentora.

Teresina-PI, 06 de janeiro de 2026.

Olá, caro interlocutor, eu sou **JAVA**, um artista piauiense multilinguagem neurodivergente e este é o primeiro **CÂMARA ESCURA**, um fanzine virtual voltado para fotografia, colagem digital e poesia. Seja muito bem-vindo...

Em primeiro lugar, gostaria de fazer o que julgo ser minha principal consideração: o conteúdo a seguir é apenas e tão somente um manifesto imaginativo. Um subproduto das vivências de um neurodivergente com hiperfoco em arte (está rolando neste exato momento). Batizei esta edição como **OLHO D'ÁGUA**, linkando o termo que define em certos lugares, a nascente dos rios e riachos, ao choro constante. Considero este trabalho um relato pessoal artístico da função transcendente da dor na arte relacionadas aos mistérios do sagrado, dialogando ainda com a psicanálise junguiana, simbolismos religiosos do imaginário afro-brasileiro e nativo americano e ainda dos arquétipos do inconsciente

coletivo, tendo a água, a botânica e outros elementos naturais como veículos de condução de narrativa.

Quando criança, eu tinha o hábito de fugir para as matas toda vez que alguma ameaça de “taca” se apresentava depois de alguma peripécia. Passava as horas caminhando pelo cerrado ou pendurado em alguma árvore, claramente um vestígio residual de atavismo. Hoje crescido, o contato próximo com a natureza é um fator de regulação emocional: árvores, água, bichos me trazem uma sensação de conforto por aterramento.

No último ano, estive em contato com o conteúdo psicanalítico de Carl Jung, sobretudo do processo de enantiodromia e individuação, através da integração de luz e sombras. Marcado por uma profunda carga simbólica e arquetípica, **OLHO D'ÁGUA** é um mergulho no profundo das inquietações de um corpo dissidente. Não cabe aqui, no entanto, inferir nenhuma afirmação religiosa, filosófica ou factual. Encaro este trabalho como meu realismo fantástico. Dito isto, vamos ao que interessa...

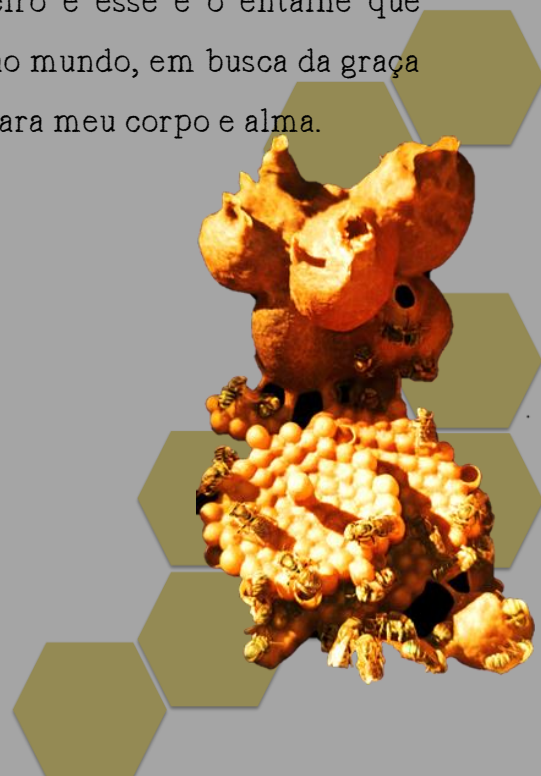
Apesar da forte exploração de elementos sagrados e místicos, alerto novamente para o fato de que não sou exatamente uma pessoa religiosa, porém com forte senso espiritual, barroco até... O simbólico das práticas de fé aparece aqui numa espécie de metalinguagem: componho colagens (peça de arte) com elementos de arte, que por sua vez foram cunhados como objetos de conexão com o divino e a ancestralidade.

Todas as fotografias e imagens recortadas foram realizadas pelo autor utilizando câmeras de variados *smartphones* ao longo de cerca de dez anos. Para o tratamento das mesmas, lancei mão de variados aplicativos de manipulação, bem como de retoques por inteligência artificial. Ex.: Canva, Picsart e Microsoft Windows...

Entrecortando as três partes em que está dividido o fanzine, você ainda vai encontrar explorações intertextuais dos temas transversais. Tive a honra de contar com a colaboração do amigo de longa data Edilberto Silva, Defensor Público, (também autista, escritor, desenhista) como poeta e revisor, relatando um pouco sobre como

percebe a hipersensibilidade a estímulos no espectro autista e os impactos no seu trabalho. O também amigo Willy Dantas, pastor e musicista, opina sobre os desafios do artista frente a emergência das inteligências artificiais, direito autoral e seus limites abalados. O conterrâneo e irmão de vida, Frei Edmilson de Jesus conta um pouco da sua visão sobre o elemento sagrado da arte.

Não como um testemunho, mas de fato um testemunho. Concluo desejando que para além do lazer, que o OLHO D'ÁGUA nos deixe mais questionamentos que certezas. Eu sou um romeiro e esse é o entalhe que entrego ao mundo, em busca da graça da cura para meu corpo e alma.



Índice

Capítulo I: Noite mais escura

Heavy metal

Umbral das ilusões

Los cangrejos

Manda *nudes* da tua alma

Emissários sombrios do caos

Corpo dissidente

Senhor das moscas I

Senhor das moscas II

Lupa sobre *polis*

Caronte e a Estrela Guia

Il lazzaretto

Coluna I: A arte de um *outsider*, Edilberto Silva

Capítulo II: Alvorecer

“Vozes veladas, veludosos vozes...”

Câmara escura

Enantiodromia latino-americana

Sagrado feminino

E tudo mais já foi entregue...

Romaria à gruta da Betânia I

Romaria à gruta da Betânia II

Coluna II: Transcendente e transgressor na arte, frei Edmilson de Jesus

Capítulo III – Sol a pino

Vitória régia

Ophelia transmutante

Primeiro poema de alma, por Edilberto Silva

El Payaso Sagrado

Do pó aos píncaros

Sankofa

Entropia

Queime os barcos!

Doravante, mar aberto...

Coluna III – *Oblivion*; I.A. x arte humana, pastor Willy Dantas

Bônus: Arte é trespasse coletivo

A história e o tempo

Ficha técnica

Agradecimentos



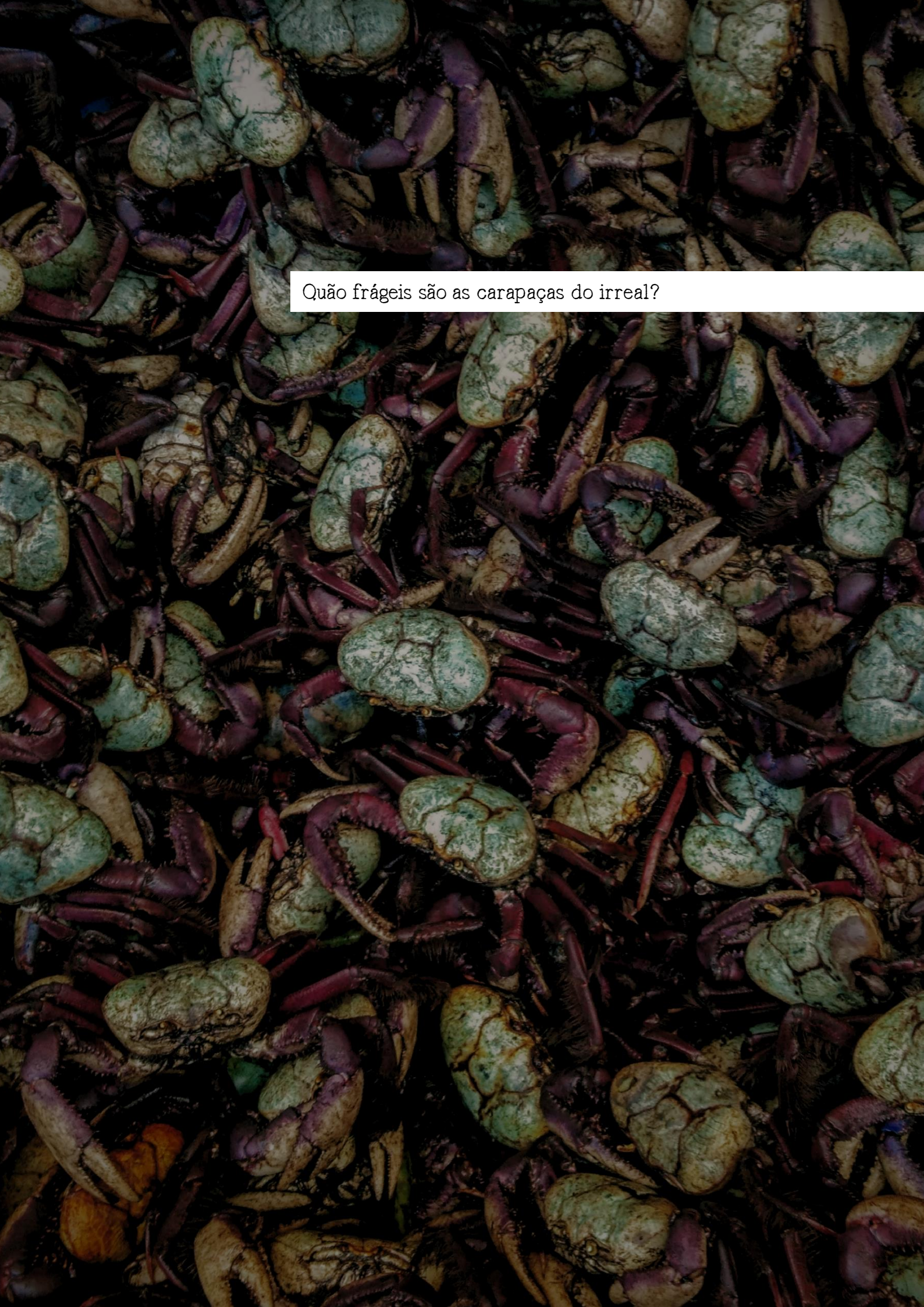
Noite mais escura



Arsenal
Heavy metal
Da cabeça
Aos pés
Tudo que pesa
Decanta



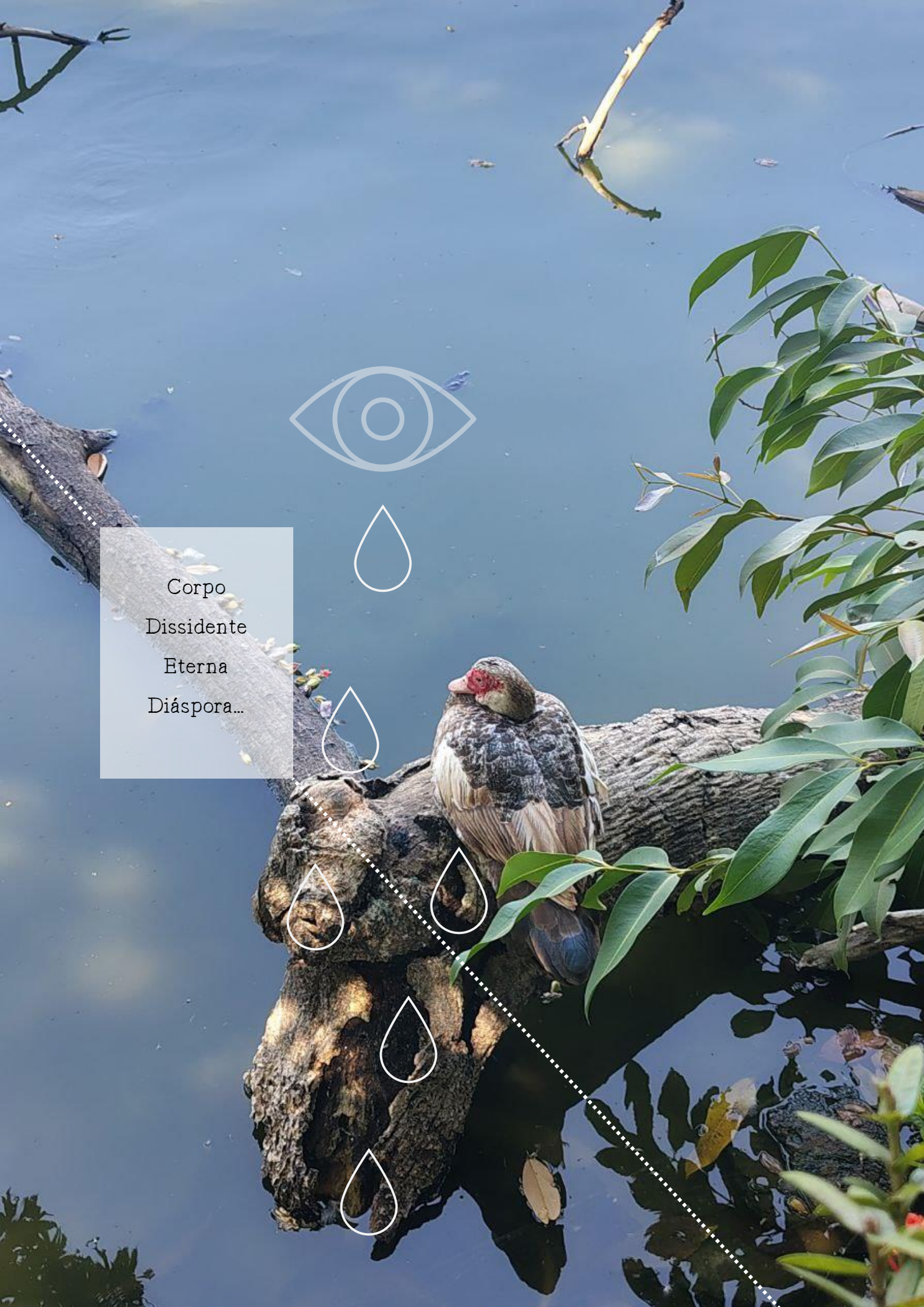
Umbral das ilusões



Quão frágeis são as carapaças do irreal?







Corpo
Dissidente
Eterna
Diáspora...





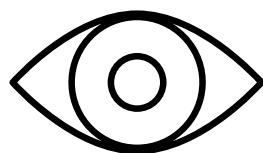


Lupa sobre polis

Custa caro olhar no olho
Cada íris é leito dum rio
E não sou o bom nadador
Tenho-me nelas afogado
Incauto com muito ardor
Olhos, perigos constantes
Negrume, lume, diamante
Olho cego, punhal afiado

Temo esta cela translúcida
Temo que me corte a alma
Tremo da ressaca da lama
Sem matas ciliares erodem
A devorar mui inclementes
Mia razão e tez, a tal ponto
Aqui na cidade das pontes
Água mole e pedras moles
Olhos me batem e furam

Aos pares, fossas abissais
Ocultam próprios segredos
Com tão pouca luz emitida
Eu que vejo tudo pelo vitral
Da minha modesta ermida
Tanto que evito esta lida
Temeroso de todos os olhos
Mas temores maiores ainda
Nem falei de tuas línguas



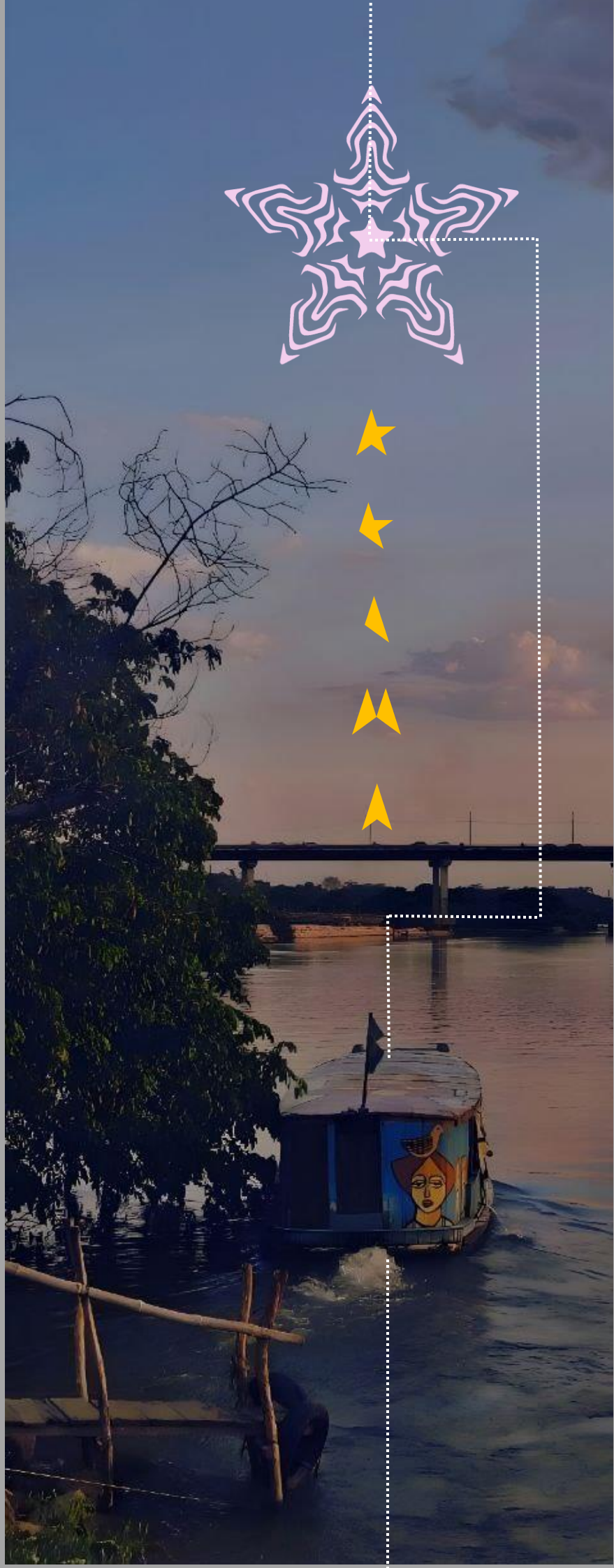
Caronte e a Estrela Guia

Atravessaria o rio
Aqueronte numa chalana
onírica, com motivos de
Nonato Oliveira, por um
timoneiro estrangeiro de
face oculta e com olhos
esguios de faca.

Quase me perdi
quando, por sorte, ouvi o
canto de quem me amou, um
sussurro com tal doçura
conhecida, cálido e faiscante
num fim de tarde a chamar-
me pelo nome e por fim
resgatou-me.

Ao pisar a margem de
volta, já era dia e no patuá
do meu peito estão agora as
chaves da cidade que
escolhi para viver.

Ruas mesopotâmicas
douradas e banhadas pelo sol,
que suam pelos poros um
calor vaporoso e denso e
casas, onde todas as gentes,
habitantes ou passageiros,
recebem aconchego e um
abraço hospitaleiro...





A arte de um *outsider*

Confesso que, quando Java, meu amigo de longa data, pediu-me que escrevesse um texto sobre como percebo a hipersensibilidade autista e seu impacto na arte, vi-me em apuros. Eu nunca considerei escrever algo sobre meu funcionamento criativo. O exercício me dispôs a refletir sobre isso e me trouxe maior entendimento sobre pessoas neurodivergentes – como eu e Java – fazemos arte. A reflexão que segue não pretende ser generalizante. Parto da minha própria experiência neurodivergente. Cada autista é um autista. Eis o milagre do espectro.

Escrevo com o corpo. Tenho um corpo que sente, reage ao mundo, vive e processa informações de uma forma divergente. Logo, é esperado que a arte que produzimos reflita essa divergência. Quem escreve é com o corpo que escreve e não posso fugir disso. Custei a perceber que não precisava limpar meus traços autistas da minha escrita. Demorei a perceber que não precisava mimetizar neurotípicos. Foi a partir daí que encontrei o meu lugar e a minha voz.

O mundo chega primeiro no corpo. Antes de qualquer pensamento, percebo o estímulo. Luz, som, cor, atrito não são ideias nem entes abstratos. São impactos num corpo exposto. Não encaro minha sensibilidade aos estímulos sensoriais como emoção, mas como percepção sem filtros. Ela é sensorial, mas também cognitiva. É forma de conhecer o mundo.

Eu não sei o que é a cor azul, mas senti o azul quando “uma borboleta azul/ cruzou o fundo sem cor”. Digo que “a luz corta/o ar grita” porque é assim que me invadem o corpo. Porque os sentidos nem sempre andam separados. O que vejo tem peso, o que ouço tem textura, o tempo tem cheiro. Escrever é tentar acompanhar essa sinestesia sem organizá-las demais. Não uso sinestesia nos meus textos como figura de linguagem, mas como forma de transcrever a experiência sensorial. Nesse contexto, criar aqui não é apenas expressar sentimentos, mas, sobretudo, traduzir como apreendo o mundo e, ao mesmo tempo, construir, com a arte, espaços de habitabilidade, onde eu possa regular o ruído do mundo, que me chega intenso demais.

Presto atenção ao que quase nunca veem. Fixo o olhar sobre o mínimo, sobre o detalhe. Insetos, conchas, elementos botânicos, vibrações, rituais mínimos: neles o mundo cabe. Neles o mundo se organiza. Não hierarquizo os seres. A concha de um caramujo tem a mesma grandeza da Via Láctea. O beiju feito pelas mãos da avó é o corpo de Cristo. O detalhe não simboliza o todo: ele é o todo que me é possível.

Muitas vezes vejo de fora, como se observasse, sozinho, através de uma vitrine. Isso não acontece por uma escolha estética deliberada, mas decorre de uma posição estrutural. O mundo social está organizado segundo critérios neurotípicos. Sobrevivo contornando, circulando pelas bordas. Não me convidaram para dentro ou exigiram, para entrar, que eu usasse

máscaras demais. De fora, percebo os ruídos que os de dentro normalizaram. A arte que eu faço se situa na borda. Não pertence inteiramente ao centro nem romantiza a margem. Não encaro isso como um isolamento heroico do artista, porque ser *outsider* já é minha condição cotidiana. E talvez seja justamente por isso que a minha arte existe. Ela afirma um modo diferente de habitar o mundo e é ela própria um lugar habitável quando o mundo não previu lugar algum.

A linguagem é um território instável. Para mim, escrever custa, falar mais ainda. Assumi a minha fala e escrita como “uma língua estranha”, “a oração/ de uma língua queimada”. Truncada, ecolálica, “verbo aleijado”. Recuso as expectativas neurotípicas de linearidade, intencionalidade e eficiência. Um autista pode ser verborrágico em alguns momentos, mas pode ser extremamente comedido e até mesmo silencioso em outros. Transito entre esses extremos. A ecolalia, percebida como *déficit* pela psiquiatria, tornou-se meu método: “repetir/o eco que me sustenta/até fazer chão”.

Meu pensamento não avança em linha reta. Não obedece a hierarquias, silogismos e expectativas de linearidade. Cresce como um rizoma, por associações, aproximações, ressonâncias. Volto, assim, às mesmas palavras, aos mesmos motivos, aos hiperfocos, aos ritos sagrados e profanos, aos ciclos e às memórias, não para cerrá-los num significado, mas porque ainda reverberam (ecolalia). Criar a partir disso é aceitar que não há centro único,

nem conclusão definitiva. É criar a partir da experiência vivida.

Tudo isso reflete um modo particular de funcionamento. Quando a arte autista é lida apenas como um tema, ou apenas como um processo criativo, penso que se perde o essencial. Por isso, abri essa conversa falando sobre funcionamento criativo e não sobre processo criativo. Minha escrita, a escrita e a arte visual do Java seguem um modo específico de apreender o mundo e de lidar com ele. É essa a sua marca: um funcionamento criativo diferente da maioria. Divergente. *Outsider*. Por isso, ela pode trazer algum estranhamento. Mas é tão humana quanto a arte pode ser.

Creio que esses caracteres da minha escrita estejam bem presentes no meu primeiro livro de poemas, o *Ecolálicas*, do qual alguns versos citei ao longo desse texto. Nele recolhi poemas que tratam de temáticas diversas, escritos ao longo dos últimos anos, que nasceram da escuta do eco que ressoa no corpo, na memória, no tempo e nos ritos. O fio condutor: a linguagem e o modo neurodivergentes de atravessar o mundo e ser por ele atravessado.

Edilberto Silva,

Defensor Público, poeta



Alvorecer



“Vozes veladas, veludosos vozes...”















O transcendente e o transgressor na arte

É comum escutarmos que de artista e louco todo mundo tem um pouco. Em certo sentido, a arte pode ser uma dimensão humana com que todos nós nascemos. No entanto, é uma potencialidade que tem que ser desenvolvida e precisa ser trabalhada. Em todo mundo e em todas as épocas, homens e mulheres cultivaram o dom da expressão através dela, de modo que temos grandes artistas que, com criatividade e o uso de técnicas em linguagens diversas como pintura, música, dança, literatura e outras tantas, se comunicaram e se conectaram com o mundo, provocando reflexões, crítica sociais, conexão com o próximo e com o Divino.

Longe de fazer um belo discurso sobre a arte, até porque não sou profundamente conhecedor do tema, mas falo como amante e observador de suas dimensões e quero aqui apenas provocar um pensamento acerca da dimensão transcendental e transgressora da arte. Parece-me que tais dimensões se completam, de modo que não existe dicotomia ou separação entre elas

Se nela o Sagrado e o profano estão juntos, é nas práticas de religião que elas se encontram caminhando lado a lado. Como a História nos

mostra, ao longo dos séculos a religião talvez tenha sido uma das maiores fontes inspiradoras e mecenas das artes.

Se de fato, desde as primeiras manifestações da humanidade, é possível notar a presença do Sagrado artístico, podemos refletir que a vida carece de algo que está para além do que é visível e palpável. Neste sentido, penso que a arte talvez seja o que melhor exemplifica a ligação com o transcendente. Em todas as civilizações conhecidas com suas culturas diversas, ela sempre ocupou um lugar vital nas práticas religiosas, o que me leva a pensar que por isso, *religare*, como prática universal, comunica através desse veículo, seja nos seus ritos ou na decoração de seus espaços religiosos, das pinturas rupestres aos afrescos esteticamente requintados das capelas de tantas catedrais. As próprias escrituras sagradas da Bíblia guardam poemas e textos carregados de lirismo, Salmos, Cânticos dos Cânticos são bons exemplos.

Ao que se parece, a arte ao mesmo tempo que é expressão humana que carece do esforço e da técnica e do aprimoramento físico-motor e intelectual, também escapa a realidade sendo expressão do Divino, ou seja, nos atinge também na dimensão do espírito. Nesse sentido, no meu escopo de entendimento, antes de tudo como observador e admirador, sinto-me levado pelo

sentimento de que o artista e o místico estão na mesma frequência. Ambos vivem profundamente a busca da realidade na conexão com o que podemos chamar de senso espiritual ou divino, através de códigos e do uso de linguagem profundamente simbólica, a fim de expressar o inexplicável. Quando o artista cria, ele transcende conectando-se com Deus. A arte como Dom é, portanto, a junção do esforço humano e da graça que vem ao seu encontro. É um meio poderoso que leva o homem a ultrapassar os limites do mundo material e do eu, conectando-se com o infinito. Ela permite escapar à realidade imediata, provocando conhecimento e contentamento através dessa experiência.

Arte desvela o mundo, a realidade posta, passiva, e se apresenta a nós como elemento de ruptura das convenções, provoca cisões donde eclodem novas formas de percebê-lo, muitas vezes pela contramão, causando verdadeiro incômodo e por isso forçando-nos para novos limites de percepção e entendimento para além das superficialidades.

A arte, quando livre, abre espaço para a criação do novo, mesmo que ainda calcada nas tradições. Segundo o pensador Michel Foucault a arte rompe com o ordinário criando estilos de vida que se distanciam da existência comum para conceber ou

forjar uma realidade nova, na verdade, na própria arte. Sim, ela vai além da beleza, provoca desconforto e confronto da existência para romper com o ordinário, convidando-nos a repensar nossa própria existência, nossos corpos, nossos códigos estéticos, morais e sociais. Quanto do nosso modo de viver, da nossa forma de conectar com Deus e com o próximo já não foram transformados através da experiência da arte? Novelas mudam costumes, a música já por tantas vezes congregou os homens para mudanças sociais, como agente de resistência e de transformação. Nas missas e cultos e quaisquer outros ritos religiosos, a música de louvor é o mais puro exemplo desse elo, através dela o espírito do fiel se eleva, comunga e experimenta o amor de Deus ou daquilo com que busca conexão.

A arte é ao mesmo tempo elo Sagrado, elo humano interno, coletivo e espiritual. Quando a transcendência busca o sentido mais profundo, a transgressão ousa romper para encontrá-lo. As duas realidades se completam de modo que uma impulsiona a outra, embora nem sempre ocorram simultaneamente. Mesmo quanto à arte moderna, que buscou autonomia se distanciando da religião, é impossível não perceber a influência desta naquela. Poderíamos pensar nela, então, como vertical e horizontal.

Por fim, é importante dizer que a arte, como tal, não é cópia, xerox ou repetição, mas é inspiração, resultado do Dom manifesto no esforço humano. Nada há de mais humano e divino do que a execução à perfeição de uma bailarina, num corpo que ao tempo que se expressa, expressa o aperfeiçoamento das faculdades humanas, é também manifesto da perfeição da criação Divina.

Edmilson de Jesus, Religioso
Franciscano.



Sol a pino



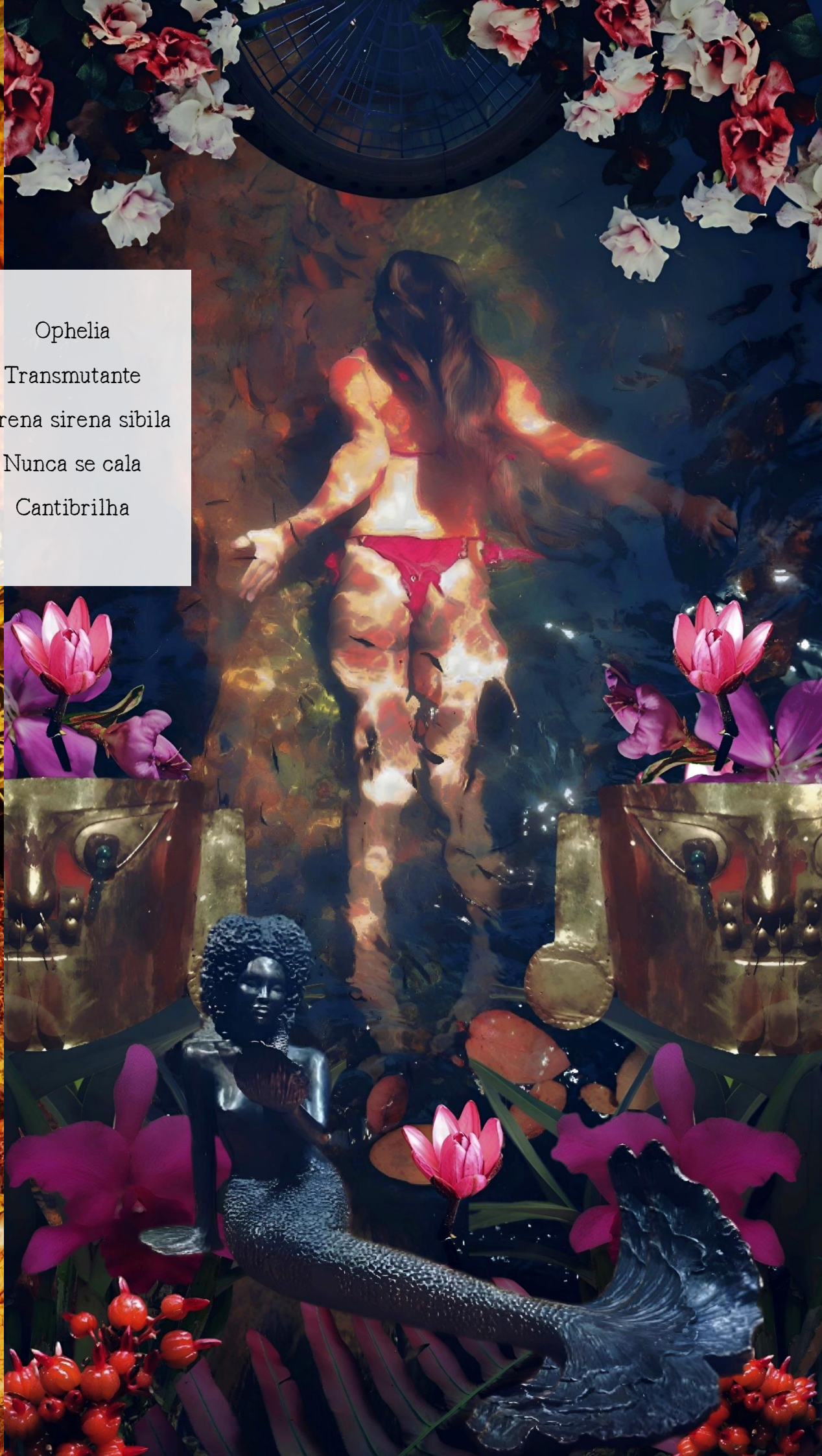
Ophelia

Transmutante

Serena sirena sibila

Nunca se cala

Cantibrilha



Primeiro poema da alma

Edilberto Silva

essa velha sem rugas,
que caminha ao meu lado,
e leva um galho seco por cajado
arrasta uma perna
parece que mendiga
e quer comprar
feijão e verduras frescas
e ninguém lhe vende:
— passe amanhã!

(— quantas moedas ainda
tenho?
— quantas me bastarão?)

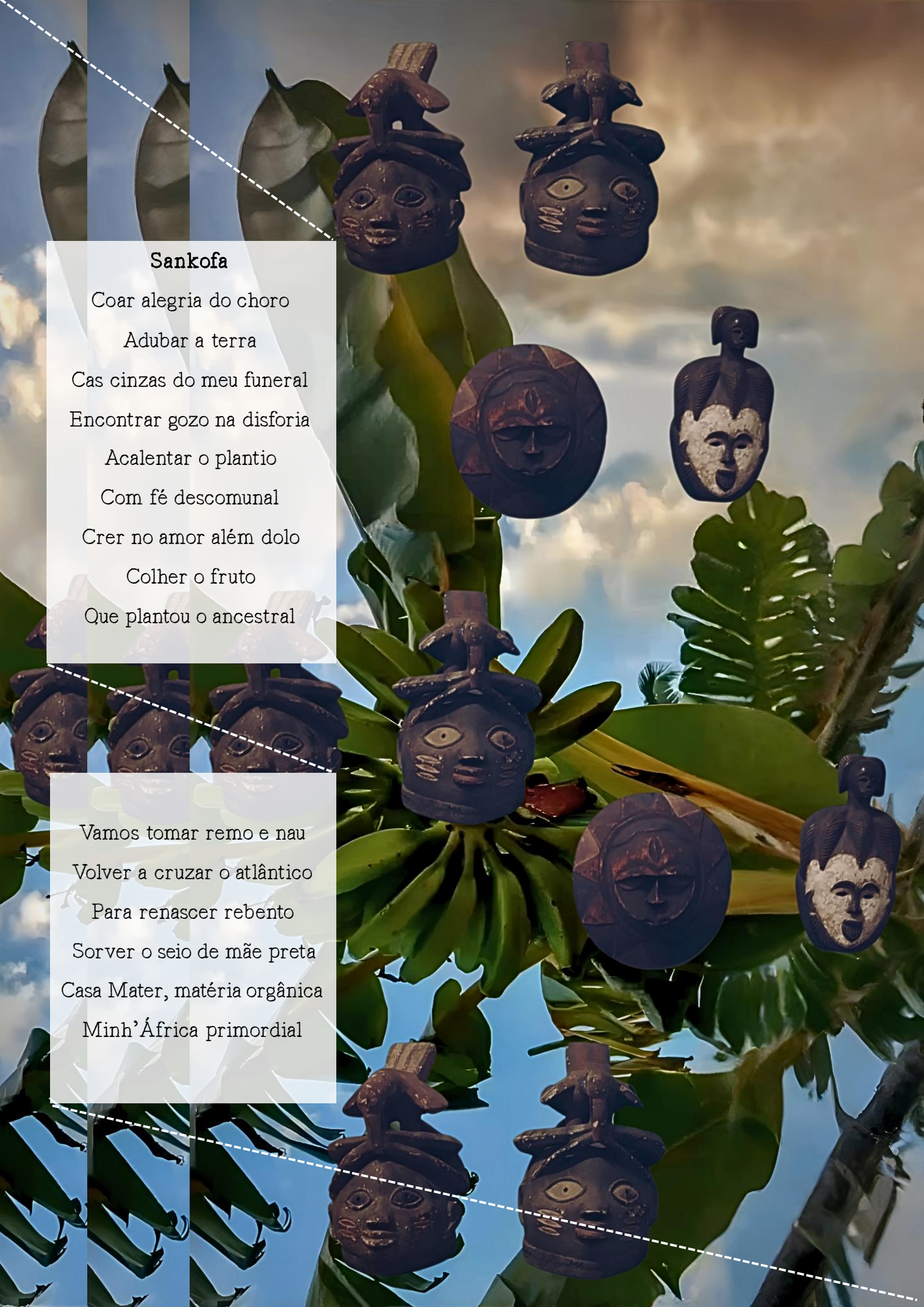
impaciente
tenho pressa
não sei o caminho
mas tenho o mapa
sou ágil, sozinho
sou mais rápido

por que não a abandono?
por que tenho de andar com ela
a atrasar-me o passo?

acordo e com voz antiga
o espelho me revela
sou eu essa velha sem rugas
trôpega andarilha e bruxa
sábia e louca
rica e mendiga
inteira







Sankofa

Coar alegria do choro
Adubar a terra
Cas cinzas do meu funeral
Encontrar gozo na disforia
Acalentar o plantio
Com fé descomunal
Crer no amor além dolo
Colher o fruto
Que plantou o ancestral

Vamos tomar remo e nau
Volver a cruzar o atlântico
Para renascer rebento
Sorver o seio de mãe preta
Casa Mater, matéria orgânica
Minh'África primordial



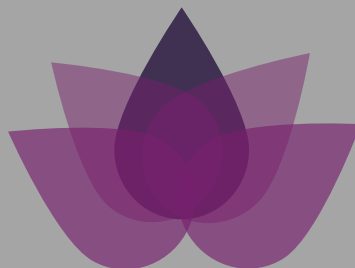
Entropia:



O caos que habita em mim
Abraça o caos que habita em ti
Minha alma não está sozinha
Minha dor não é só minha
Minha arte não é minha



O coração é feito a terra
Ainda que fustigados
Por maus lavradores
A vida é insistente em
Brotar-lhes do âmago
Uma flor que emerge
Das águas turvas
Purpúrea





Doravante, mar aberto...



Oblivion – I.A. X arte humana

Ao navegar nas ondas digitais com minha caravela de mão – está mais para uma canoa (risos) – onde o anacronismo fica por conta apenas deste nauta, pesquisava um assunto específico em meio a um oceano de inutilidades, quando me deparo com uma imagem anunciando uma canção religiosa antiga e conhecidíssima, porém numa versão novíssima em folha em reggae. De tão diferente e nova era quase uma reencarnação. Na capa, músicos numa área costeira em trajés característicos do estilo musical em questão. A imagem num estilo desenhado digitalmente, com cores muito fortes em tons obscuros. Descobriria depois que era feita por I.A., tendência ao qual a internet hoje não se vê mais livre.

Curioso, cliço. Ouço uma música muito bem executada e uma voz de um timbre muito agradável. Arranjo bem escrito. Nada de genial, mas havia os elementos indispensáveis ao estilo musical. A gravação soava cristalina e quente, parecia ter sido feita em parte analogicamente, porém hi-end com os melhores equipamentos, lembrando-me até do som típico dos estúdios alemães nos anos 90/2000. Ouvi, acompanhei a canção com um leve balançado de cabeça característico às lagartixas. Ouvi outra vez. E mais uma vez. De repente, um incômodo com aquela perfeição e a pulga atrás da orelha atravessou a cartilagem. Ouvi uma última vez e então

tive a certeza que não foi gente quem gravou aquilo.

Como um artista, principalmente na música, também ávido curioso da história da música e entusiasta dos processos de gravação, percebia uma perfeição tão anômala que começou a me engasgar.

Hipnotizante num primeiro momento e vazia daí em diante. Faltava humanidade. Finalmente, li a descrição e confirmei que não havia sido gravado, nem tocado. Nem a voz era real. O pequeno texto, frívolo, desejava aos ouvintes que pudessem se deleitar naquela música feita por I.A. Ao fim, revelara qual software havia usado. Tudo isso, para mim, soou como um antigo programa de TV que vez ou outra trazia uma sessão de hipnose fazendo a plateia comer cebolas sentindo gosto de maçã. Não era real, apenas mágica. O que o programador fez foi dar as instruções, o que chamam de prompt. E eu? Estupefato totalmente. Essa foi a primeira vez que escutei uma música feita por I.A., isto há aproximadamente um ano. Isto acendeu-me um alerta que nunca mais se apagou.

Como interessado em história e filosofia e jornalista do periódico da minha consciência, penso que devo estar atento ao que a história relata e ao que os poderosos deste mundo dizem sobre o amanhã, afinal eles sempre declaram o que vão fazer, a maioria é que não se atenta. Confesso que pensei que demoraria mais um pouco para estes “avanços” acontecerem, mas

comecei a me deparar com a concretização de parte dessa realidade já há algum tempo ventilada e que agora traz consigo a horrível expectativa da obsolescência do artista – ou do humano? - frente à uma entidade digital que consegue entregar em sua própria dimensão digital algo pronto, aparentemente perfeito.

Qualquer um de nós acessando redes sociais diversas, principalmente de vídeos, pode constatar a multidão de perfis cujos conteúdos começaram com imagens e narradores por I.A., porém agora não só a parte estética e operacional, mas os roteiros, os conteúdos, as opiniões, o conteúdo em si saíram da “cabeça” de um assistente I.A. Canais de análises políticas, resumos de livros e filmes, motivacionais, de saúde e até de orações! Como a I.A. pode substituir o que há de mais humano? E não bastando legar a ela o conteúdo de posts e vídeos que lidam com assuntos por vezes tão críticos, o que fazer quando isto ameaça até a pouca fonte de renda àqueles que se dedicam exclusivamente aos assuntos superiores? Voltando à arte, há um contraste abismal entre essa realidade operacional que já se estabelece e qualquer um de nós, artistas, que precisamos produzir nossa arte e a temos que fazer com algum nível de trabalho físico ou até de forma mecânica. No caso da música e artes visuais, de forma manual e processar digitalmente, só então ser veiculada nessa dimensão onde o mundo pós-

pandêmico concluiu por transferir seu coração.

A discrepância de disposição de tempo, esforço e recursos é muito grande. O incentivo, remuneração e tolerância ao diferente tem cada vez mais diminuído já dentre os humanos por questões contraculturais que se apresentam como culturais e agora, quando até o que tem alguma aceitação passar a ser feito artificialmente?

Vejo que não apenas a arte, mas no contexto geral da presença humana necessária para qualquer tipo de atividade, a iminência da substituição das pessoas por máquinas controladas por I.A. já é pauta discutida nos ambientes acadêmico, jornalístico, político, econômico e onde mais se puder imaginar. Há a previsão de demissões em massa já a partir deste ano onde, até 2030, a civilização mundial vai mudar completamente de dinâmica. Setores críticos da sociedade, totalmente dependentes de computadores operados por humanos, agora prometem baratear custos com operadores virtuais de inteligência artificial, causando evidentemente demissões em massa. A humanidade dependerá de assistencialismo.

É planejado. É a 4ª Revolução Industrial de Klaus Schwab que as elites mundiais têm operado. Meninos malcriados, tentando substituir Deus, porém a essência é diabólica. A história torna a repetir-se no seu cerne, pois o ser humano não mudou em essência. O antigo Rei Salomão já deixara dito: “O

que é já foi, e o que há de ser também já foi;” (Ec 3:15a). Nessa revolução, para que o processo de diminuição da dependência humana junto com a escassez sofrida por essa massa não mais necessária possa avançar, gerando um grandíssimo poder para alguns poucos, é necessária a escravização mental, sempre oriunda da ignorância, distrações, vícios corruptores rumo à escassez. Explicando: que não saibam, mas se souberem que percam a atenção e se não for possível distraí-los, que sejam escravizados em seus próprios deleites para que traiam seus próprios princípios e entrem em escassez. Pode acontecer nessa ou outra ordem, mas culmina sempre em escassez. Não é verdade que há muitos que vivem de maneira a se prejudicarem sabendo dos males, mas não conseguem deixar de fazê-lo?

No tocante à arte, sempre estive em um lugar muito especial da vida humana, comunicando e conectando pessoas da forma mais efetiva possível e incluso neste papel também elevar e instigar o ser humano a buscar o que realmente é belo, o que é sublime, a conhecer-se realmente, a expressar-se com liberdade e evoluir. A arte pode ser a expressão de quem desnuda o seu íntimo até o âmago, mas também pode ser instrumento de influência da alma. Um toque invisível, mas potentíssimo. Consegue ao mesmo tempo para muitos ser a ignição de uma vida sensível e intelectual ao passo que a expressão muito densa daqueles que a operam. Sempre há conexão. Isto é algo

insubstituível para aqueles que realmente a apreciam, operam e buscam entender a arte.

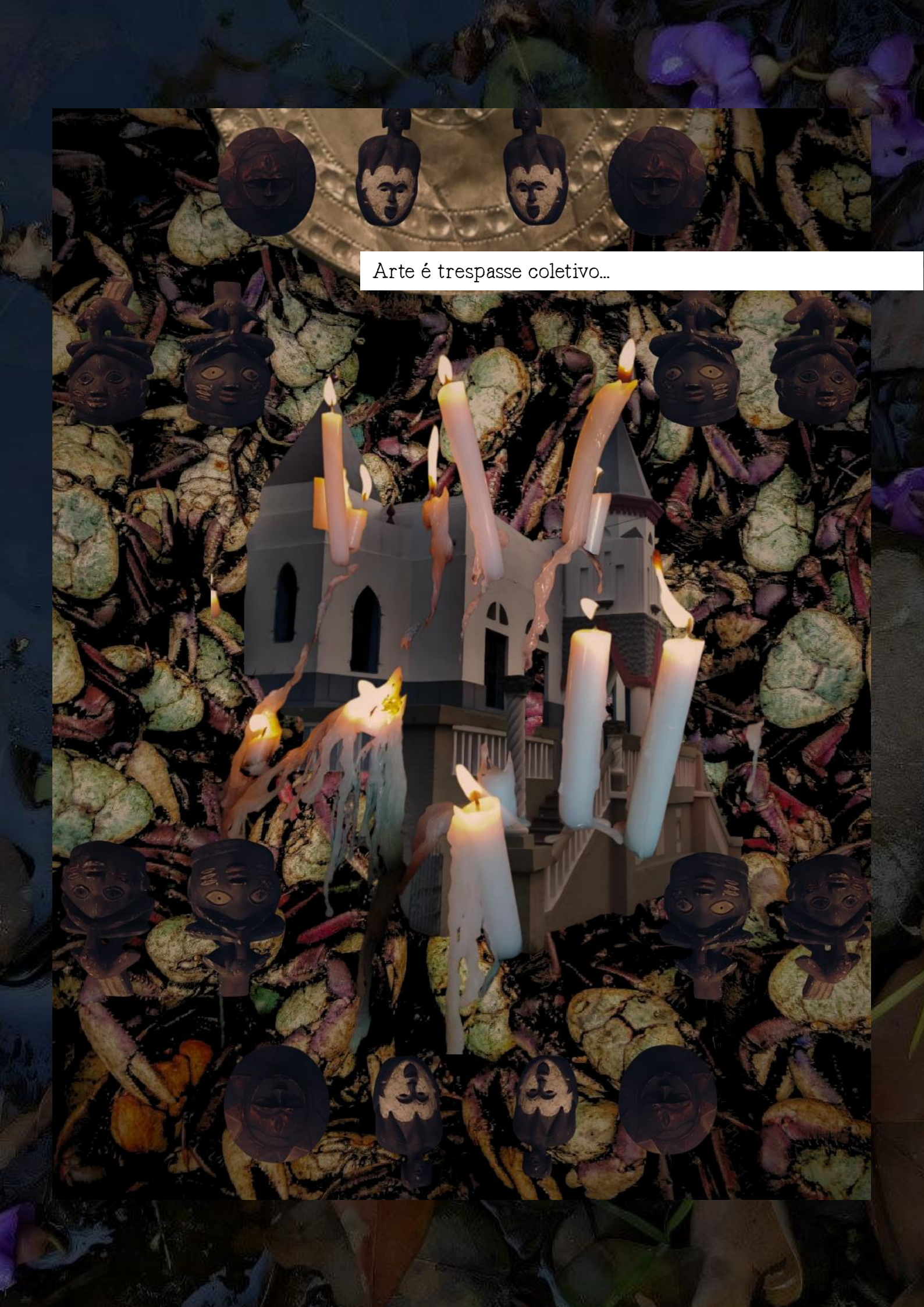
Sendo tão humana num mundo onde o humano se torna dispensável, seria muito distópico conceber sua forçada descartabilidade? Há um processo acontecendo há tempos para levar a arte humana à obsolescência e, pior ainda, ao ostracismo. Hoje é perigosa demais àqueles seletos administrando o mundo a dominar as mentes e almas. Um dia tentaram manipular a arte – em parte conseguiram –, mas com a I.A. querem desumanizá-la totalmente.

Há uma palavra da língua inglesa que é profunda e terrível, mas descreve para onde estão tentando lançar a arte: *oblivion*. Não é apenas um esquecimento. Não é apenas ostracismo. É realmente fazer desaparecer, destituir completamente o valor intrínseco e histórico, a sua presença, os seus efeitos. É a operação de um *oblivion* da arte e se apropriando de toda a herança e riqueza imateriais que a humanidade carrega devido à ela. Não é mais o uso de ferramentas como o revisionismo histórico, mas o rescrever a história aos moldes da famigerada distopia - ou topia? – de Orwell dia após dia.

Nós, artistas, precisamos entender até onde podemos fazer bom proveito de todos os recursos que nos são disponíveis, mas jamais permitir que algo faça o que só nós devemos e podemos fazer. Enquanto houver seres

humanos, haverá necessidade por arte de humanos para humanos, com profundidade, excelência e, por vezes, defeitos. Isso se tornará algo caro, raríssimo e elitizado. As massas foram ofuscadas, mas há meios de conscientizar alguns e se trabalhar o processo contrário. Sempre haverá espaço, mas nós temos que manter nosso lugar e não nos vendermos. Precisamos também sermos aqueles que mantêm viva a consciência da importância dos grandes artistas da história, seja na música, dança, na pintura, na escultura, arquitetura e todos os outros; e dos grandes filósofos e teólogos, pois filosofia, teologia e arte, sempre andaram juntas e são o que convidam a humanidade sempre a um estágio superior em 'ser' humano. Divino e profano, complexo e simples, misterioso e transparente. Por vezes um e por vezes o outro, mas atento ao fato que há sempre um Caminho que leva ao sublime.

Willy Dantas, pai e marido,
Ministro Ordenado, compositor
e multi-instrumentista.

A complex collage artwork. At the center is a white plastic model of a church with a steeple and arched windows. Surrounding the church are several lit white candles of varying heights, some with melted wax dripping down. The entire scene is set against a dense background of dried, pressed leaves and flowers in shades of green, brown, and purple. Scattered around the church and candles are numerous African masks, some dark brown and some lighter, with various facial features and headpieces. The masks are arranged in a somewhat circular pattern around the central church. The overall composition is rich and textured, suggesting a theme of collective memory or cultural heritage.

Arte é trespassse coletivo...



Ficha técnica

Canva versão 2.343.0

Cut and Paste Photos versão 2.1.0

Motorola edge 50 fusion

Câmera traseira de 50 MP e 13 MP

Tela 2400x1080

Picsart versão 29.1.4

Agradecimentos

Alexandra Teodoro

Edilberto Silva

Edmilson de Jesus

Edson Brasil

Elissania Mendes

João Cristino

Mansueto

Samuel Costa

Vó Rosa

Willy Dantas

CÂMARA ESCURA

“Quando menos piensas, sale el sol...”

Arte do

